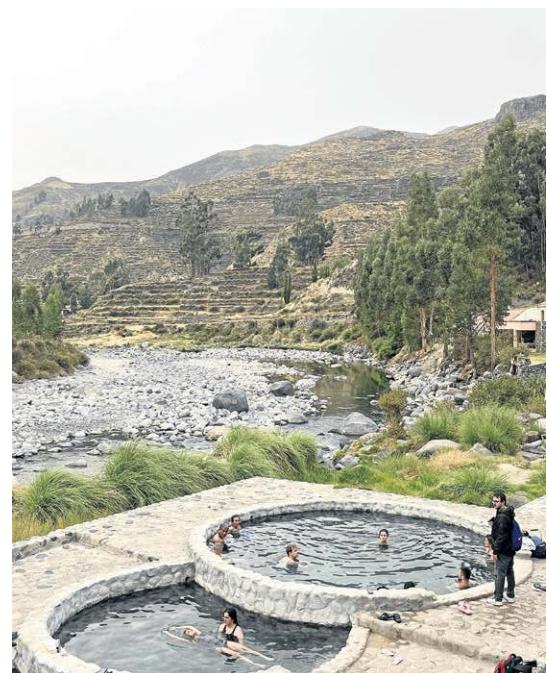




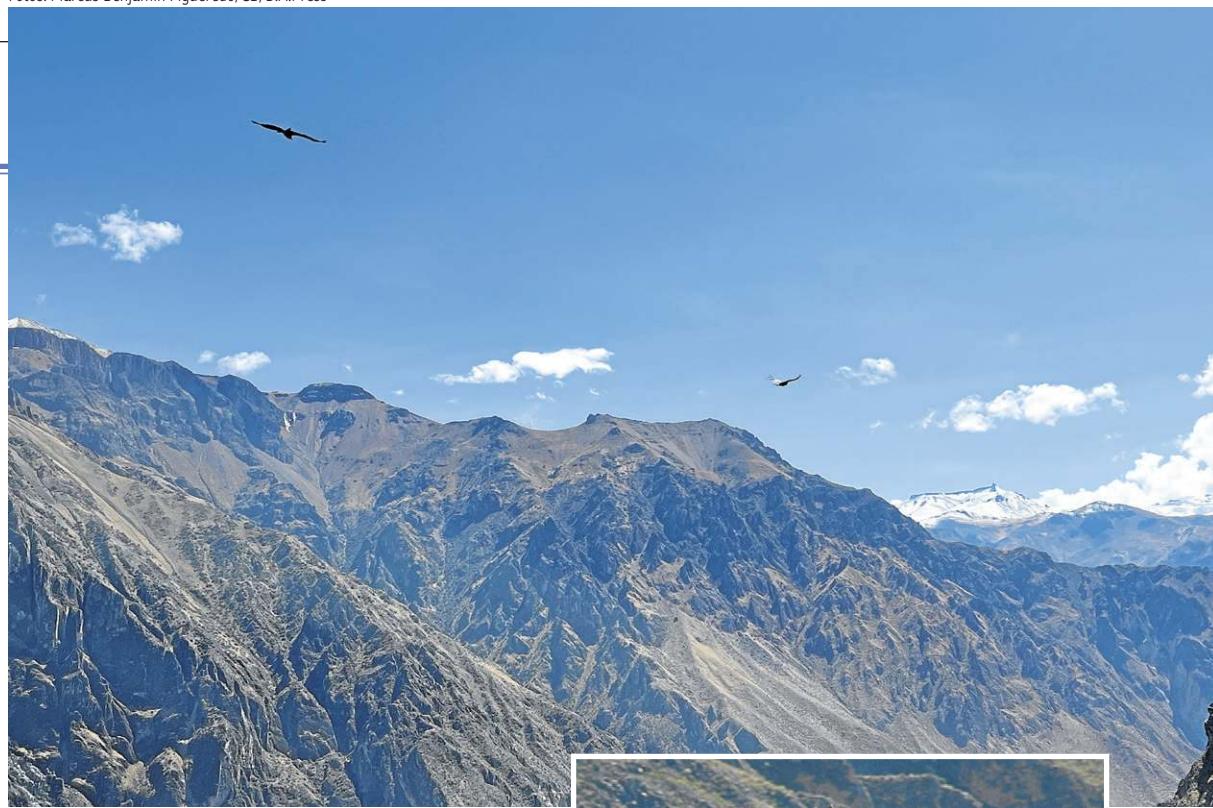
A maioria desses terrazos continua firme e forte até hoje e ainda é utilizada na agricultura



A água vulcânica é extremamente relaxante, mas é importante que o banho não ultrapasse os 30 ou 40 minutos



O Vale do Colca é uma região entre as montanhas, cortada por rios e cheia de solos férteis usados para agricultura tanto por culturas pré-incaicas como pelos próprios Incas



Em busca do mítico condor



É preciso ir cedo tentar visualizar o voo do condor, ave símbolo da região

No último dia de viagem, caímos da cama bem cedo. Era dia de ir à procura do condor, a ave mítica que habita aquelas montanhas e costuma sair para caçar ainda nas primeiras horas da manhã. Além de ser a maior ave voadora do mundo, podendo chegar aos 3,3 metros de envergadura, é parte central dos mitos e cosmologias dos povos andinos. Depois de atravessar pontes, um túnel e contornar montanhas cujos topos estavam tingidos de neve, chegamos ao mirante do Cânion do Colca, por volta das 8h30.

A vista ali é um dos grandes sustos que se pode ter: o cânion é um dos cinco mais profundos do mundo. Os números exatos da profundidade variam de acordo com o ponto de medição, mas pode chegar a mais de 3 mil metros – bem maior que os 1,8 mil metros do Grand Canyon, nos EUA. Mesmo nos pontos mais baixos, por onde corre o Rio Colca, ainda são marcados mais de 2 mil metros de altitude em relação ao nível do mar, e nas bordas mais altas, ultrapassa os 4 mil.

O céu era de um completo azul e o Sol andino castigante, mas não foi preciso muito tempo até que o primeiro condor despontasse voando entre as encostas das montanhas. Neste momento, quando se pode ouvir crianças e adultos gritando “El condor! El condor!”, todos os olhos se voltam para o cânion. De lá, é possível avistar as aves voando em rasantes pelo rio ou subindo até que ultrapassem as montanhas nevadas no horizonte. Algumas voam solitárias, enquanto pares realizam um

balé, girando em torno do próprio eixo enquanto planam quase sem bater as asas. A imagem é um presente.

De alma lavada, rumamos de volta a Arequipa. Na estrada, ainda passamos pelos povoados de Yanque e Maca, onde estava sendo realizada uma cerimônia de bênção dos bois que partiriam para ajudar no arado do campo. Lá, aproveitamos para provar o colca sour, um coquetel típico do Vale do Colca, feito com pisco e sancayo, um fruto de cacto nativo. Como dessa vez não estava nevando, conseguimos parar no mirante mais alto daquela região, a 5 mil metros de altitude, de onde se pode ver os cumes de vários vulcões, como o Hualca Hualca, com 6.025m de altitude; o Sabancaya, com 5.980m; e o Ampato, com 6.200m.

No mirante, entre o vento frio e os longos suspiros provocados pelo ar rarefeito da altitude, estávamos no ponto mais alto da viagem. Lá, há vários amontoados de pedra deixados por moradores e viajantes, denominados saywa ou apacheta. Cada um, Suzanne, nossa guia, nos explicou, é uma oferenda aos deuses. Uma tradição que remonta aos tempos dos incas e simboliza um pedido para que se entre no território das montanhas em segurança. Foi meu último susto nesta primeira viagem ao Peru, que certamente não será a última. Tupananchiskama!

*O repórter viajou a convite da Latam